

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
JEAN-CLAUDE BIETTE – O TEATRO DAS MATÉRIAS  
9 de Janeiro de 2025

BIETTE / 2010

*Um filme de Pierre Léon*

Realização e Argumento: Pierre Léon / Direcção de Fotografia: Sébastien Buchmann / Som: Rosalie Revoyre / Montagem: Martial Salomon / Com: Marie-Anne Guerin, Françoise Lebrun, Pascal Cervo, Pierre Léon, Sylvie Sator, Marc Sator, Jean Narboni, Jacques Bontemps, Bernard Eisenschitz, Sylvie Pierre, Mathieu Amalric, Adolfo Arrieta, Jean-Paul Civeyrac, Anne Benhaïem, Mathieu Riboulet, Paul Vecchiali, Marie-Claude Treilhou, Jean-Christophe Bouvet, Paulette Bouvet, Benjamin Esdraffo, Serge Bozon, Louis Skorecki, Thomas Badek, Valérie Jeannet, Denis Lavant, Joaquim Carvalho, Luís Miguel Cintra, Christine Laurent, Manoel de Oliveira, Jeanne Balibar, Micheline Presle.

Produção: Les Films de la Liberté / Produtor: Vladimir Léon / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 109 minutos / *Primeira apresentação pública absoluta* na Cinemateca Portuguesa, a 4 de Novembro de 2010.

\*\*\*

Difícilmente se podia imaginar mais bela homenagem a Jean-Claude Biette. Um dos mais importantes críticos da sua geração, um dos mais especiais cineastas das últimas décadas, a sua vida acabou abruptamente numa noite de Junho de 2003. O que é belo, em **Biette**, é que se Pierre Léon conta a vida (a “vida vivida”) de Jean-Claude Biette, o que ele de facto *filma* é a sua vida para além da morte, num sentido muito directo e nada sobrenatural. Nem evocação impessoal nem elogio fúnebre, sempre muito mais alegre do que realmente triste, **Biette** é um filme sobre um legado: sobre o modo como Biette, a sua obra, o seu trabalho, mas também, e isto é muito especial, a sua presença, tocaram outras pessoas, tornaram as suas vidas diferentes, deixaram o mundo de outra maneira. Biette – ocorre-nos a isto a certa altura – é o filme que o anjo Clarence do **It’s a Wonderful Life** de Capra mostraria a Jean-Claude no momento de lhe afirmar quão rica fora a sua vida. Quanto mais pensamos nisto, mais pensamos que é isto mesmo, nem mais nem menos.

Pierre Léon tem uma história para contar e essa história é o eixo que lhe estrutura o filme. Através de múltiplos depoimentos – amigos, colaboradores recorrentes ou ocasionais, admiradores – essa história vai sendo contada nos seus elementos essenciais: a sua introdução ao círculo cinéfilo parisiense e à órbita dos *Cahiers*, a fuga para Itália (para fugir à tropa) e o encontro com Pasolini, o grupo da Diagonale (Vecchiali, Marie-Claude Treilhou) e os primeiros filmes, os encontros e as cumplicidades que ficaram para a vida (Jean-Christophe Bouvet), a experiência portuguesa (o *Barbe Bleue* na

Cornucópia), a fundação da *Trafic*, os últimos filmes. Tudo o que é da ordem da biografia, no sentido convencional, está presente em *Biette*, é verdadeiramente uma vida que se conta, com rigor e incisão tanto quanto com pudor e neblinas delicadamente sugeridas. Há os factos (*the life and times of Jean-Claude Biette*), mas também há as impressões – Eisenschitz que fala das “rigolades” em que terminavam as discussões sobre gostos antagónicos, Treillhou que evoca, no depoimento de tom mais grave, o momento em que sentiu a tristeza de Biette porque “o seu humor desapareceu”, aquela bela frase de Adolfo Arrieta a dizer que os filmes de Biette eram “emanações” da sua personalidade. Pierre Léon, sendo o homem “que faz perguntas”, não se torna ausente: está lá frequentemente nos planos (com Treillhou ou, perto do fim, com Mathieu Amalric, num diálogo em que a comoção gera o quase-burlesco – “il ne m’a rien donné”), mas ainda mais vezes *entre* os planos, como um comentário silencioso ao que é dito ou visto, e num papel de condutor, como se quisesse precisar que esta montagem do olhar dos outros sobre Biette é presidida pelo seu próprio olhar sobre ele. Ou mais do que isso, um papel de *passieur*, para usar uma expressão cara a um célebre amigo de Jean-Claude Biette: **Biette** é o filme em que Pierre Léon recolhe, compila, o legado de Biette, o legado da *presença* de Biette e o oferece em passagem. E isto, a *passagem* (como se sente especialmente nos depoimentos dos mais novos, Serge Bozon ou Benjamin Esdraffo), é talvez a ideia nuclear do filme.

Que termina – já no pós-genérico – com aquele plano de Howard Vernon, repescado de **Le Complexe de Toulon** (um filme de 1996), a dizer “bon voyage!”. Parece o momento em que o olhar de Pierre Léon mais se autonomiza, mais age em nome próprio; e aquele “bon voyage!”, assim estrategicamente colocado, seria enfim a sua despedida, a sua voz apropriando-se da de Vernon. Mas porque não – e é ainda mais bonito – pensar que é ao contrário, e que é Jean-Claude Biette, pela voz de um dos seus actores preferidos, a fazer uma derradeira aparição e a desejar, a todos os que vimos no filme, a todos os que vêem o filme, a continuação de um “voyage” que sem o que ele foi e o que ele fez seria certamente menos “bon”? Reconfortado como George Bailey, nesse momento ele pode, então, partir em paz.

Luís Miguel Oliveira